

VERÔNICA DIAS LEITE E SUA CONDUTA FAMILIAR

Fabio De Gennaro Castro

Resumo: *Tentativa de elucidar séria afirmação sobre o comportamento matriarcal paulista do século XVII.*

Abstract: *Attempt of elucidation of serious affirmation about matriarchal behavior in São Paulo on XVII century.*

Meu interesse por genealogia ocorreu muito cedo e um dos vetores de tal interesse foi o livro **Algumas Notas Genealógicas da Família PAULA LEITE de Itu**, de autoria do Dr. José de Paula Leite de Barros, editado em 1901.

Inicialmente imaginava ser relacionado apenas à família de minha avó paterna e posteriormente constatei que também era rico sobre a ascendência de meu avô paterno, como até citei nos artigos **JOSÉ MANUEL DE CASTRO (Suas origens e descendência)** e **FAMÍLIA LEITE DE BARROS (Descendentes de Manuel Leite de Barros)**, ambos na Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro.

Paula Leite ao tratar da terceira geração de Pedro Vaz de Barros, às páginas 5 e 6, item 3-1 sobre Pedro Vaz de Barros, o neto, cita que o mesmo

“Foi casado com D^a Maria Leite de Mesquita, filha única de Domingos Rodrigues de Mesquita, natural de Torre de Moncorvo, Portugal e de D^a Maria Leite, irmã de Verônica Dias (a que matou a filha por estar olhando na janela contra sua expressa ordem); neta materna de Pedro

*Dias Paes Leme e sua mulher D^a Maria Leite; bisneta de Pascoal Leite Furtado e sua mulher D^a Isabel do Prado.*¹

E continua Paula Leite, à página 7, item 4-13 sobre Pedro Vaz de Barros, filho do precedente, que o mesmo casou-se em Itu, com Gertrudes de Arruda e transcreve o assento de seu casamento:

“Na era de mil setecentos e vinte, Pedro Vaz de Barros, filho legítimo do defunto Pedro Vaz de Barros e Maria Leite de Mesquita, moradores na cidade de São Paulo, se recebeu em matrimônio com Gertrudes de Arruda, filha legítima do Capitão Pedro Dias Leite e Antonia de Arruda, perante mim e Rodrigo Bicudo, com João Paes Roiz, Maria Leite, com Joaquina Monteiro, todos moradores desta própria vila. Foram dispensados pelo Bispo do terceiro grau de consangüinidade.

Em fé do que fiz este Termo, aos sete dias de fevereiro da sobredita era, - Felix Nabor.”

E continua: D^a Antonia de Arruda, mãe da D^a Gertrudes, era neta paterna de Manuel Ferraz de Araujo e sua mulher D^a Verônica Dias (**a que matou a filha**); neta materna de Francisco de Arruda e Sá e sua mulher Maria de Quadros.²

Sobre minha ascendente Verônica Dias Leite e sua drástica atitude é que trata o presente trabalho.

Tal dupla afirmação sempre me intrigou e de forma intensa.

Paula Leite aparentemente não questiona e não comenta, induz seu leitor para o fato de ser a própria mãe a assassina de sua filha e ainda o faz por duas vezes. Na primeira ainda oferece a causa, qual seja, uma desobediência às ordens maternas.

Em edição posterior àquela de 1901, omite a severa afirmativa, além de fazer outros ajustes e complementos e quanto à aludida afirmação, sem nenhuma explicação específica, a não ser a observação genérica que estava corrigindo erros constantes da primeira edição.

¹ O grifo é meu.

² O grifo é meu.

Silva Leme não menciona tal atrocidade, mesmo sendo contemporâneo de Paula Leite, com o qual, creio, mantinha relacionamento. O volume IV, da Genealogia Paulistana, onde Verônica Dias Leite consta no título LEMES, foi editado em 1904.

Verônica Dias Leite era uma das irmãs do Capitão Mor Fernão Dias Paes, o descobridor das esmeraldas, como mostra Silva Leme no Capítulo 5º em § 5º.

Pedro Taques, nascido em 1714 e falecido em 1777, escreveu sua grande obra genealógica posteriormente ao fato objeto deste trabalho. Sabe-se que vários títulos perderam-se, porém Verônica Dias Leite, já casada em 1670, está mencionada em LEMES e mesmo assim não consta nenhuma observação relativa ao evento aqui enfatizado.

Em conversa com o amigo e também descendente de Verônica Dias Leite, Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, consegui envolve-lo na tentativa de entender e tentar descobrir a justificativa de tal absurda postura. Levou-me a Gilberto Freyre, em Casa-Grande & Senzala.

Gilberto Freyre iniciou os estudos para Casa-Grande & Senzala em 1930, concluindo e editando sua obra em 1930.

De fato no capítulo V, quando também trata do escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro escreve:

“Dizia-se outrora em Portugal, como advertência aos indiscretos no falar e no escrever, que detrás de cada tinteiro estava um frade. Um olho ou um ouvido de frade do Santo Ofício vendo atos e ouvindo palavras menos ortodoxas. No Brasil o olho de frade enredeiro não desapareceu das casas: foi um eclesiástico que avisou à Da. Verônica Dias Leite, matrona paulista do século XVII, que a filha estivera por algum tempo à janela. Crime horrendo que resultou – conta a tradição – a mãe ter mandado matar a filha.” E indiretamente remete o assunto ao historiador Afonso de E. Taunay.

Duas informações sobressaem, o informante, que pelo seu caráter religioso, por sua ação informativa, motiva, ou induz para o crime. Diferentemente de Paula Leite, Verônica Dias Leite seria a mandante e não a autora.

Afonso de E. Taunay, na separata do tomo primeiro dos Anais do Museu Paulista, em 1923, publicou “Sob El-ReY Nosso Senhor”, fonte de Gilberto Freyre.

O capítulo IV da citada publicação tem o seguinte título:

A monotonia da vida – O enclausuramento das mulheres – Os rebuços – Os enterros – Curiosa demonstração de amor próprio e vaidade – Relações sociais – O afastamento absoluto dos sexos em público – A vida das mulheres – Sentimentos maometanos e seu respeito no Brasil colonial – Desregramento dos homens

Em sua página 324, após situar o tema dos costumes, segue a esperada revelação:

Vissem alguma quitandeira mais sabida ou loquaz e afoitamente a convidavam que entrasse a conversar.

Abrir a rótula, era coisa grave, em tempos coloniais, no centro do Brasil; exhibir-se à janela uma mulher, real delito.

Não há quem no oeste de São Paulo desconheça uma tradição curiosa que se deve reportar a era setecentista: o crime de que foi autora certa matrona, Verônica Dias Leite. Avisada por um eclesiástico, seu parente, de que a filha estivera por algum tempo à janela da rua e sentindo-se como desonrada com o fato, enfurecera-se de modo tal que fizera morrer a infeliz moça, sem que o fato causasse estranheza nem provocasse a ação da justiça pública!

Não sabemos a que proporções tal tradição reduzir, é possível, porém, que a cena se tenha podido passar tal qual a narram. (1)

A nota (1) diz:

A duas Verônicas Dias Leite se refere Pedro Taques, uma irmã do ilustre Fernão Dias Paes e outra (Verônica Dias Leite Ferraz) neta da primeira e mulher do opulento Miguel de Faria Sodré, que na mineração do ouro em Pitanguí, adquiriu grande fortuna. A nenhuma delas atribui o genealogista, franco, no entanto como era, semelhante aventura que certamente relataria se acaso dela soubesse habituado a falar sem rebuços e a contar fatos graves como este.

Taunay retrata muito bem os costumes da época e a total separação entre homens e mulheres, podendo dizer, que à tradição muçulmana, ou maometana,

como ele denomina. Isto ainda acrescido da tradição indígena de também separar homens e mulheres.

Acrescenta o elemento físico sobre a janela, a qual dava para a rua.

Paula Leite, embora médico diplomado em 1878 em Filadélfia, Estados Unidos e com residência em hospitais de Paris, era de Itu, oeste de São Paulo. Tal região é aquela referida por Taunay, onde o ato de Verônica Dias Leite era notório. Paula Leite, como já mencionado, escreveu anteriormente a Taunay e aborda o tema de forma ligeiramente diferente.

Pedro Taques, em sua Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica nos dá pistas de possíveis zelosos parentes, pertencentes ao clero.

O cunhado de Verônica Dias Leite, irmão de seu marido, Manuel Ferraz de Araujo, era frei Jerônimo do Rosário, monge de São Bento, presidente do mosteiro de São Paulo e abade do mesmo em 1659. Poderia ter sido ele o zeloso guardião da honra familiar que um período à janela da rua poderia macular?

Interessante notar que os quatro autores pesquisados, uniformemente, não mencionam nome de nenhuma filha de Verônica Dias.

Teria ela tido somente uma filha, a que foi morta? Existiria alguma razão para não ser mencionado seu nome?

O fato de não haver nome explicitado poderia ser tomado como ser mais uma lenda a aludida tradição e não existir mesmo tal filha? Parece pouco provável.

Poderia estar tal filha solteira grávida?

Não ter havido processo e mesmo julgamento seria somente pela projeção social da pessoa envolvida, ou aceitação tácita de fatos reparadores da honra familiar e respeito à sua rígida disciplina?

O que aparenta mesmo é ser uma época em que as mulheres solteiras não contavam, sendo valorizadas as casadas, pela prole e administração da casa e demais propriedades, enquanto seus maridos estavam em Bandeiras, ou outras atividades fora de casa

De qualquer forma a curiosidade foi parcialmente satisfeita e novas dúvidas deram lugar às antigas, agora com diferente conteúdo.

São somente dúvidas que lanço, pistas para eventuais novos e mais aprofundados estudos, uma vez que a matrona paulista Verônica Dias Leite tem

inúmeros descendentes e parentes, sendo um deles o primeiro santo brasileiro frei Antonio de Santana Galvão.

Referências Bibliográficas:

Algumas Notas Genealógicas da Família Paula Leite de Itu

Dr. José de Paula Leite de Barros

Vanorden & C. São Paulo 1901

Genealogia Paulistana

Luiz Gonzaga da Silva Leme

Duprat & Comp. São Paulo 1903

Casa-Grande & Senzala

Gilberto Freyre

Global Editora 2008

Sob El-Rey Nosso Senhor

Affonso de E. Taunay

Oficinas do Diário Oficial de São Paulo 1923

Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica

Pedro Taques de Almeida Paes Leme

Editora Itatiaia Limitada e Editora da Universidade de São Paulo